

“E viva a vida!”, a dialética das cartas

Hugo Almeida¹

A EDIÇÃO da correspondência entre Osman Lins (1924-1978) e Hermilo Borba Filho (1917-1976), *E viva a vida!*, alcança duplo mérito: amplia a obra e também a fortuna crítica dos dois escritores, graças ao rigoroso, paciente, esmerado trabalho empreendido por Nelson Luís Barbosa em pós-doutorado no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), da Universidade de São Paulo (USP). No fornido volume de 508 páginas (formato 16 x 23 cm), o estudioso graduado em Letras Francês/Português, mestre e doutor em Literatura Comparada, sempre pela USP, reúne, analisa e contextualiza 201 cartas, incluindo bilhetes e telegramas, trocadas pelos dois grandes autores pernambucanos de 1965 a 1976; Osman (106) em São Paulo e Hermilo (95) em Recife. A escritora Julieta de Godoy Ladeira (1927-1997), viúva de Osman Lins, deixou a correspondência reunida, com anotações e o título colhido no fim da última carta de Hermilo, e Nelson Barbosa fez a pesquisa documental (encontrou novos papéis), a edição de texto fidedigno e anotada e uma esclarecedora apresentação desse “livro valioso” e de “leitura imperdível”, como atesta na orelha Sandra Nitrini, uma pioneira nos estudos osmanianos. De fato, o livro traz novidades até mesmo para os mais aplicados estudiosos dos dois escritores.

Outro mérito do pesquisador e organizador no alentado estudo: dispensa espaço e atenção iguais a cada um dos missivistas, desde a apresentação, as minuciosas e substanciosas notas de pé de página (muitas analíticas e interpretati-

vas) e a transcrição de textos de Julieta a respeito da correspondência e da amizade dos dois escritores, de artigos de Osman Lins sobre Hermilo Borba Filho e da professora gaúcha Regina Zilberman a respeito do autor de *Avalovara*. No período da correspondência, poucas vezes os escritores se encontraram – imprevistos evitaram longas conversas presenciais –, o que fez das cartas o lugar privilegiado de diálogo, como salienta Barbosa. Osman e Hermilo tratam sobretudo de questões literárias e editoriais, com significativas revelações para seus habituais leitores.

Poucas vezes assuntos pessoais e familiares têm espaço na correspondência. Intelectuais atuantes e progressistas (Osman fora aluno de Hermilo em curso de Arte Dramática em Recife), discutem os temas mais candentes do período da ditadura militar, como a censura imposta a representações artísticas e culturais – livros, filmes e peças –, dificuldade de publicação, indiferença de editores, bastidores de concursos literários, mas também dividem momentos de angústia nos tempos de incerteza e de alegria com a produção, edição e tradução de suas obras. Autores diferentes, mas complementares, eles próprios identificam nas cartas pontos de contato na visão e prática da literatura. No entanto, são as divergências que rendem as páginas mais admiráveis da correspondência, como as sequências em que discutem a montagem de peças clássicas pelo Teatro Popular do Nordeste, dirigido por Hermilo, e da peça *Auto do salão do automóvel*, de Osman Lins, pelo TPN, a cargo de um diretor do grupo e da confiança de

Hermilo, José de Souza Pimentel (1934-2018). Nos dois episódios, Osman discorda com veemência e Hermilo rebate com serenidade. No caso do *Auto*, que ficou pouco tempo em cartaz, com apenas 15 apresentações, a realidade mostrou que Osman tinha razão ao questionar a mudança do lugar em que é ambientada a peça, de São Paulo, de 8 milhões de habitantes na época (“com mil dificuldades a esmagar o indivíduo”) para o Recife (“marítima e, apesar do movimento, doce sob muitos aspectos”, p.246) e outras radicais intervenções do encenador (que desfigurou o original) e devem ter desagradado também o público pernambucano. Vale a pena transcrever alguns trechos dessas cartas (Barbosa, 2024).

Osman a Hermilo, em 10 de julho de 1967 (p.121):

Vivendo aí, Hermilo, talvez você tenha deixado de ver claro algumas coisas. Juro-lhe: não tem o menor sentido levar dramas gregos, ou elisabetanos, ou racinianos no Nordeste. É puro esteticismo, por mais esforços que se procure fazer em contrário. Isso é uma terra bruta e áspera, você sabe disso. E inculta, além do mais. Uma terra à procura do que significa. São os dramaturgos daí, Hermilo, com todas as suas deficiências, que devem ser postos diante dos nossos conterrâneos. Sófocles, Ésquilo, Eurípedes que vão para o inferno. Seu entusiasmo, por verdadeiro que seja, é a sobrevivência do velho Teatro do Estudante e deve ser enterrado. Um homem como você, visceralmente ligado à sua terra – todos os seus trabalhos literários mais recentes comprovam isto –, não pode ter outro papel, como homem de teatro, senão o de revelar ao pú-

blico de Pernambuco os textos nordestinos que ainda não tiveram sua oportunidade. Essa, sim, é a grande aventura espiritual que o espera enquanto homem de teatro. O mais são bordados, rendas e etiqueta.

Da resposta de Hermilo a Osman, em 29 de agosto de 1967 (p.123/4):

O Teatro Popular do Nordeste tem um programa em relação a teatro: os clássicos e os autores brasileiros. Não temos fugido dessa linha. Creio na atualidade do clássico e creio justamente na medida em que vem ao encontro da nossa posição de homem de teatro da hora atual. Montei dois nesta nova fase do TPN: *O inspetor*, de Gogol, e *Um inimigo do povo*, de Ibsen. O primeiro denunciava, dentro do espírito épico, o anti-iluminista que preside as nossas encenações, a corrupção administrativa e o ridículo das classes armadas; o segundo denunciava, ou melhor, rasgava o abscesso da demagogia e a falsa compreensão de massa. O que acontece com *Antígona*? O abuso da autoridade e a violentação do indivíduo. Não acha que isso é de uma atualidade a toda prova? Aí estão os IPMs, e aí está a realidade nordestina, principalmente tendo você em vista que a “roupagem” do espetáculo induz o espectador a situar-se numa situação que se repete há séculos e que estamos, nela, sofrendo. [...] Estamos vivendo uma época terrível e cabe a nós, artistas, lutar com as nossas armas pela sobrevivência do homem no momento e sua vivência integral através de exemplos. Montamos dois autores brasileiros: Dias Gomes e Hermilo Borba Filho. O primeiro com uma denúncia – O

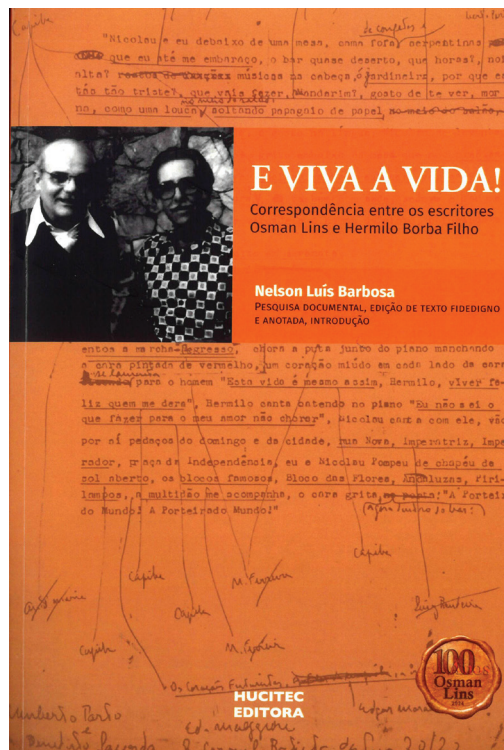
santo inquérito – e segundo uma far-
sa plautina à maneira nordestina, de
sabor de região. E por que Antônio
José? Porque todos nós sentimos a
necessidade de ser Quixotes contra
as baionetas e as bombas. Não é uma
forma de luta? Além disso, a peça
está dentro do espírito nordestino
lúdico, do bestiário, da imaginação,
dos cantos, do mamulengo. [...] To-
das as peças que citei estão perfeita-
mente enquadradas dentro da nossa
linha anti-iluminista, com bases mui-
to menos em Brecht, por exemplo,
que no Bumba-meu-boi.

Osman a Hermilo, em 6 de setembro
de 1976 (p. 127):

Sou muito grato por haver acolhido
com tanta generosidade minha úl-
tima carta. Eis uma das raras vezes
em que uma argumentação contrária
nos causa uma grande alegria, pela
dignidade e pela consciência que re-
vela. Gostaria de, um dia, dar a pú-
blico essa sua carta, documento inte-
lectual de grande importância e um
dos melhores que me têm chegado
às mãos. Você esclareceu a sua po-
sição com raro equilíbrio e extrema
lucidez.

Agora, a questão da montagem do
Auto do salão do automóvel. Depois de
ter assistido a um ensaio da peça, Osman
escreve em 21 de outubro de 1970 uma
longa carta a Hermilo (p.246-50), em
que discorda da concepção do espetácu-
lo pelo diretor. Eis alguns trechos:

Concluí, da conversa com o Pimen-
tel e do ensaio, que vi, que ele está
bastante errado na sua compreensão
da peça. [...] Foi feita, sem nenhuma
consulta a mim, uma transposição da
peça, concebida tendo em vista a re-
alidade paulistana, para o Recife. [...]



BARBOSA, Nelson Luís (pesquisa
documental, edição de texto
fidedigno e anotada, introdução).
*Correspondência entre os escritores
Osman Lins e Hermilo Borba Filho.*
São Paulo, Hucitec, 2024.

O Pimentel disse-me que iria rever o
problema. Mas faço questão de insis-
tir: não concordo de maneira nenhu-
ma com a transposição. [...] Foram
feitas várias alterações no texto, tam-
bém sem nenhuma consulta a mim.
Algumas, é certo, devido à transposi-
ção da ação da peça. Outras, porém,
foram simplesmente desproposita-
das. [...] O Pimentel compreendeu
que na peça há *um* guarda. Nada
mais errado. O guarda de Ciclistas e
Pedestres nada tem de “real”. É um
guarda fantástico, solidário com os
Bancos, a *mass media*, a propagan-
da, com tudo que dirige os homens.



Acervo de Osman Lins FCRB/IEB-USP.

Os conterrâneos Osman Lins e Hermilo Borba Filho mantiveram constante e densa correspondência epistolar, entre 1965 e 1976.

[...] Ora, o Pimentel estava vendo nesse guarda um indivíduo esmagado quando ele é exatamente um ser solidário com o esmagamento. [...] Vão então, aqui, algumas exigências para a apresentação da peça, aliás poucas mas importantes: obediência rigorosa ao texto que lhe enviei, sendo considerado inidôneo o que está em mãos do Pimentel; só serão feitas, no mesmo, as modificações absolutamente indispensáveis, devendo ser mantidas, tanto quanto possível, as informações existentes sobre a topografia de São Paulo e outras características da cidade; decorre daí que a ação da peça não poderá ser transferida para qualquer outra cidade; ainda em obediência ao texto, deverá haver, na encenação, uma delimitação tão clara quanto possível entre o mundo de *Ciclistas e Pedestres* e o restante da peça. [...] O *Fanático do Trânsito*. Na direção de Pimentel, está ágil, vivaz. Errado. Trata-se de um chato, um conversa-mole. Um

tipo que não tem o que fazer e que fica bestando junto ao guarda. [...] Nem por sonho os gritos de “bicha! bicha” que meteram no texto, com o objetivo de fazer graça. A fala de Hamlet aos comediantes continua válida. [...] P.S. – Se você quiser manter a peça, precisa tomar providências urgentes para submeter à Censura o texto verdadeiro. Pois o que está lá, se é uma cópia do que vi com o Pimentel, não é meu.

Hermilo a Osman, em 29 de outubro de 1970 (p.251-2):

Com toda a honestidade acho que Pimentel imprimiu ao seu texto uma dinâmica que ele não tem. Você esmiúça certos detalhes como autor, esquecendo que uma mesma peça, encenada por cinco diretores diferentes, poderá ter cinco visões diferentes. Leia com atenção e amizade a carta de Pimentel e nos responda por telegrama a sua resolução. Será uma pena que não montemos a peça,

Recife, 28 de maio de 1974.

Osman, caro:

Bravos pelo AVALORAVA em Paris! Depois, conte-me tudo. Deve estar coincidindo, de acordo com comunicação da Stock, com o lançamento do meu. Estamos dominando Paris.

É verdade: Gilberto Mensur, da STATUS, telefonou-me (disse-me que v. lhe havia dado o meu telefone), pedindo ~~uma~~ colaboração constante para a Revista. Mandei, de saída, 3 histórias curtíssimas, que ele aceitou. E quer mais. Enquanto isto, HOMEM, a nova revista da Abril, também me contrata; e Enio, ídem, para o LIVRO DE CABECEIRA DO HOMEM, que volta a aparecer. Para HOMEM, escrevi, por sugestão do próprio Eurico Andrade, uma história 80% ficção, sobre o Caso Moreno: O SENADOR OU A RAPOSA PRATEADA; e para o LIVRO DE CABECEIRA, uma reportagem real, que vai ser uma bomba, acho: DOM HELDER, CAMARADA DE DEUS.

Chega-me o primeiro exemplar, mandado pela GLOBO, de ~~XXXXXXXXXX~~ ~~XXXXXXXXXX~~ SETE DIAS A CAVALO (que v. receberá no devido tempo), no dia mesmo em que eu terminava o último volume da trilogia de novelas curtas: AS MENINAS DO SOBRADO. Entro agora no compromisso antigo que tinha com a Nelly Noves Coelho: uma novela de 90 a 100 páginas para a Quíron: OS AMBULANTES DE DEUS. ~~XXXXXXXXXX~~ Depois, logo depois, o romance com que sonho há tempo: A LIGA. - Vou procurar a VOGUE para lê-lo. Tarcísio já me havia dado a notícia.

Pergunte a quem for competente para ~~xx~~ o caso, na Melhoramentos, se não quer me mandar os livros que forem saindo para comentários breves em minha coluna do DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Sempre ajuda. - O fato é que estamos numa produção danada, não é mesmo? Bravos pela televisão e pela STATUS, pela VOGUE e pela Europa, pelo novo romance. E tome lá nossos melhores abraços.

Hermilo

Em 1975, Hermilo
escreve a Osman.

Fataramos em São Paulo no
dia 11 pra a exposição de
de Eládio. E mais na Europa!

já com publicidade iniciada, já com contratos em outras cidades, já com estreia marcada aqui para o dia 20 de novembro, mas quero dizer-lhe que concordo com quase tudo que Pimentel lhe diz. [...] Lembre-se de Hamlet em roupas modernas, de *A megera domada* musicada, de tantos outros exemplos, não seja intransigente à manutenção de certos subjetivismos do texto, lembre-se de que o drama é uma coisa e o espetáculo outra. [...] Pense um pouco, Osman:

a interpretação de um romance pertence ao leitor, a de um quadro ao observador, a de um texto escrito para teatro ao encenador. Claro que tudo o que lhe dizemos, eu e Pimentel, é da maneira mais fraternal possível, dentro da abertura da sua carta, afastadas certas ranzinzeiras, a amizade permanecendo a mesma, quer você dê ou não a sua autorização. Neste último caso, seria uma pena, porque o espetáculo é absolutamente idôneo.

Conforme pedido de Hermilo, Osman responde por telegrama: “Concordo”. Mas, após o fim precoce da temporada da peça, ele escreve ao amigo, em carta de 2 de fevereiro de 1971 (p.268): “Vai vendo que o nosso Pimentel não estava tão certo quanto pretendia estar”. Numa carta ao “fraterno” conterrâneo, Osman Lins se refere aos Estados Unidos como “[n]aquele diabo de país” (p.102), e em carta a Leda Alves (p.493), viúva de Hermilo, chama Walt Disney de “vigarista”. O leitor de *E viva a vida!* certamente vai se perguntar o que Osman Lins diria hoje sobre os Estados Unidos e o seu atual presidente.

Referência bibliográfica

BARBOSA, N. L. (pesquisa documental, edição de texto fidedigno e anotada, introdução). *Correspondência entre os escritores Osman Lins e Hermilo Borba Filho*. São Paulo, Hucitec, 2024.

Hugo Almeida é doutor em Literatura Brasileira pela USP, jornalista e escritor, organizador do volume de ensaios *Osman Lins: o sopro na argila* (2004), autor de 16 livros, entre eles *A voz dos sinos – O sagrado, a mulher e o amor na obra de Osman Lins* (2024), e os romances *Vale das ameixas* (2024) e *Mil corações solitários* (Prêmio Nestlé-1988), em 4ª edição pela Sinete (2025).

@ – hugoalmeida2004@yahoo.com.br /
<https://orcid.org/0009-0009-3586-1605>.

Recebido em 18.8.2025 e aceito em 25.8.2025.

¹ Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, Brasil.